

Cartografando as primeiras curas do HIV: técnicas e artefatos de uma pesquisa

Mapping the First HIV Cures: Research Techniques and Artifacts

Kris Herik de Oliveira

RESUMO

O meu objetivo neste capítulo é apresentar a metodologia desenvolvida durante a minha pesquisa de doutorado, dedicada a cartografar os primeiros cinco casos de cura do HIV. Nesse sentido, volto-me mais precisamente para a ação de “cartografar paisagens biotecnológicas”, interessado em dar a ver os dispositivos experimentais nos territórios das ciências e suas tecnologias. Busco detalhar as movimentações realizadas para a construção de um “arquivo-laboratório”, constituído a partir de um processo de “desarquivamento” que envolveu a coleta e a triagem de documentos científicos, jornalísticos e biográficos. Posteriormente, abordo as estratégias desafiadoras de análise e tradução do conteúdo dos materiais levantados. Por fim, apresento a proposta experimental de estender um “convite ao olhar médico”, que arrisca uma transformação estética ao buscar promover outras narrativas possíveis na interseção entre ciências e artes, juntamente à produção de artefatos de pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Cartografia; Cura do HIV; Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia; Metodologia; Experimentação.

ABSTRACT

The aim of this chapter is to present the methodology developed during my doctoral research, which focused on mapping the first five cases of HIV cure. More specifically, I turn to the act of “mapping biotechnological landscapes,”

with an interest in making visible the experimental devices within the territories of science and its technologies. I seek to detail the steps taken in constructing an “archive-laboratory,” formed through a process of “unarchiving” that involved the collection and screening of scientific, journalistic, and biographical documents. I then address the challenging strategies for analyzing and translating the content of the gathered materials. Finally, I present an experimental proposal to extend an “invitation to the medical gaze,” one that ventures into an aesthetic transformation by promoting alternative narratives at the intersection of science and the arts, alongside the production of research artifacts.

KEYWORDS: Cartography; HIV Cure; Science and Technology Studies; Methodology; Experimentation.

INTRODUÇÃO

Entre 2019 e 2023, desenvolvi uma pesquisa de doutorado¹ cuja proposta consistia em cartografar os primeiros cinco casos de “cura” ou “remissão de longo prazo” do vírus da imunodeficiência humana, o HIV, a partir de uma abordagem socioantropológica (Oliveira, 2023). Refiro-me aqui aos casos de Timothy Brown, o “Paciente de Berlim” (Allers *et al.*, 2011; Brown, 2015), de Adam Castillejo, o “Paciente de Londres” (Gupta *et al.*, 2020; Mandavilli, 2020), de Marc Franke, o “Paciente de Düsseldorf” (Highleyman, 2023; Jensen *et al.*, 2023), da “Paciente de Nova York”, ainda sem identificação conforme o seu pedido (Hsu *et al.*, 2023), e de Paul Edmonds, o “Paciente do City of Hope – Califórnia” (Dickter *et al.*, 2022; Johnson, 2023).

Esses resultados inéditos na história da medicina foram alcançados por meio de transplantes experimentais de células-tronco, cujos doadores apresentavam uma mutação genética rara denominada CCR5 Δ 32/ Δ 32, a qual confere uma “resistência natural” à infecção pelo HIV. Dessa forma, ao receberem as células-tronco dos doadores, os pacientes também se tornaram resistentes ao vírus com o qual con-

1 Pesquisa realizada com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP (2019/22295-9) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq (140428/2019-4).

viveram por anos. Embora esses sejam casos singulares, pois envolvem procedimentos biomédicos altamente arriscados e de difícil reprodução em escala mais ampla, tais práticas e seus desdobramentos ofereceram contribuições significativas para reflexões teórico-metodológicas interdisciplinares.

Por mais de quatro décadas, as ciências biomédicas têm se empenhado no desenvolvimento de abordagens preventivas e terapêuticas para o HIV. O desenvolvimento de uma terapia curativa eficaz e escalonável poderia desencadear transformações no curso da pandemia de HIV/AIDS, oferecendo alívio para as 39 milhões de pessoas que vivem com o vírus (UNAIDS, 2023) e movimentando bilhões de dólares em um regime capitalista globalizado. Entretanto, esses esforços têm se deparado com desafios, abrangendo tanto a complexidade do modo de atuação do HIV no corpo humano quanto a natureza predominante da governança científica, a qual está majoritariamente centrada no desenvolvimento de terapias antirretrovirais (Deeks *et al.*, 2021; Dybul *et al.*, 2021).

Em diálogo com a análise crítica de Donna Haraway (1991), cabe observar que os primeiros casos de cura do HIV chamam atenção para as múltiplas dimensões que compõem um “regime de tecnobiopolítica”. Para a autora, as dimensões conectadas da informática, biologia e economia, com suas promessas de um mundo melhor através das inovações tecnológicas, introduzem novas dobras sobre as intervenções tecnológicas na vida cotidiana e seus agenciamentos ético-estético-políticos. Dessa forma, por meio de narrativas, imaginários e práticas emergentes no campo médico-científico, os limites das sociedades e até mesmo do próprio corpo são redesenhados, desestabilizando as fronteiras entre o “eu” e o “outro”.

A cura do HIV é um tema complexo, permeado por múltiplos modos de conhecimento e discursos diversos. Nesse contexto, a pesquisa de doutorado realizada por mim no Brasil enfrentou desafios significativos, sobretudo por trabalhar com materiais predominantemente

publicados no eixo EUA-Europa. Como, então, abordar adequadamente os primeiros casos de cura do HIV deste lugar? De que forma contar as histórias relacionadas à cura de uma infecção tida como incurável? Como tornar visível e compreensível o processo de produção desse conhecimento? E, por fim, que narrativas poderiam ser construídas no diálogo com a linguagem biomédica, sem perder de vista a riqueza dessa trama multifacetada?

Tendo em vista essas questões, neste capítulo apresentarei a metodologia desenvolvida durante a pesquisa de doutorado. Nesse sentido, volto-me mais precisamente para a ação de “cartografar paisagens biotecnológicas”, interessado em dar a ver os dispositivos experimentais para a cura do HIV nos territórios das ciências e suas tecnologias. Com esse propósito, buscarei detalhar as movimentações realizadas por mim para a construção de um “arquivo-laboratório” na pesquisa, constituído a partir de um processo de “desarquivamento” que envolveu a coleta e a triagem de documentos heteróclitos. Posteriormente, abordarei as estratégias desafiadoras de análise e tradução do conteúdo dos materiais levantados. Por fim, apresentarei a proposta experimental de estender um “convite ao olhar médico”, que arrisca uma transformação estética ao buscar promover outras narrativas possíveis na interseção entre ciências e artes junto ao processo de pesquisa.

Isto posto, cabe mencionar que esta não é a primeira vez que recorro ao conceito de cartografia como um método de pesquisa-intervenção (Passos; Kastrup; Escóssia, 2015). Trago essa metodologia como uma herança da pesquisa que desenvolvi durante o meu mestrado (Oliveira, 2019), ancorada nas proposições de Gilles Deleuze e Félix Guattari (2011). Naquela ocasião, meu foco estava direcionado à produção de cartografias da sexualidade. Na pesquisa de doutorado, contudo, meu interesse esteve voltado especificamente para a composição de paisagens biotecnológicas.

Uma cartografia das paisagens biotecnológicas do presente nos leva aos domínios das ciências e suas tecnologias, concentrando-

-se nos seus efeitos sobre as vidas e experiências vividas, bem como na criação de novas técnicas e práticas de existência. Isso inclui atentar para os instrumentos que pedem passagem, as dinâmicas das subjetividades e jogos políticos, as éticas e estéticas em constante reinvenção, bem como a produção de corpos, afetos e subjetividades. Essa abordagem implica delinear os contornos do mapa, delimitando as áreas de abrangência e as fronteiras do estudo.

A cartografia que busquei desenvolver esteve voltada, sobretudo, para as promessas e experiências coletivas. Por meio dela, em um cenário permeado por controvérsias científicas e disputas políticas, procurei acompanhar a configuração das terapias experimentais com células-tronco para a cura do HIV. O principal desafio desse empreendimento residiu em como localizar e compreender essa rede tecnobiocientífica (Haraway, 2018; Rose, 2013), que à primeira vista se apresentou como dispersa e heterogênea.

CARTOGRAFAR PAISAGENS BIOTECNOLÓGICAS

A forma como conduzi a pesquisa que deu origem a este trabalho (Oliveira, 2023) está alinhada à proposta de realizar um “mapeamento do presente” (Rose, 2013), visando explorar os dispositivos que conformam as “formas de vida emergentes” (Fischer, 2003; Franklin, 2005) no contexto das terapias experimentais com células-tronco para a cura do HIV. Para esse propósito, busquei me aproximar da cartografia como conceito (Deleuze; Guattari, 2011) e método de pesquisa-intervenção (Passos; Barros, 2015). Dessa forma, a pesquisa se fez orientada por um conjunto de pistas, com disposição para pensar sobre/com os efeitos do processo no próprio objeto investigado, no pesquisador e nos resultados obtidos.

Mas de que se trata, afinal, um dispositivo? O filósofo Giorgio Agamben (2009), em diálogo com a discussão prévia realizada por Michel Foucault (1998) e Gilles Deleuze (2016 [1990]), afirma que o dispositivo é simplesmente um mecanismo que expressa alguma for-

ma de captura e governo sobre seres vivos e/ou substâncias viventes. Aqui estão incluídas desde arquiteturas políticas evidentes, como a escola e o hospital, até aquelas menos evidentes, como a escrita e os computadores. Assim, o “sujeito [...] resulta da relação e, por assim dizer, do corpo a corpo entre os viventes e os dispositivos” (Agamben, 2009, p. 41). Há, portanto, um ilimitado crescimento de dispositivos na contemporaneidade e, por consequência, extensiva proliferação de processos de subjetivação.

Considerando os propósitos da pesquisa, que estiveram diretamente relacionados às dinâmicas das tecnobiociências (Haraway, 2018; Rose, 2013), meu interesse se voltou mais especificamente para o que as filósofas da ciência Isabelle Stengers (2002) e Vinciane Despret (2011) denominaram de “dispositivos experimentais”. Segundo as autoras, é justamente esse modelo de dispositivo que inaugura e caracteriza o que entendemos como ciência moderna. Trata-se de um modo de produção do conhecimento mediado por um método de experimentação que estabelece uma separação entre o cientista e seu objeto de pesquisa, presumindo uma clara diferença entre os dois agentes com a intenção de representar os objetos.

Logo, os dispositivos experimentais podem ser compreendidos como emaranhados biossociotécnicos contingentes, atuando como verdadeiros catalisadores de autores, conceitos, práticas, tecnologias, afetos, interesses, intenções, disputas, seres humanos e não humanos, instituições, alianças, subjetividades, performances e devires. Na fluidez dessas conexões, o dispositivo experimental busca por respostas às urgências no campo das ciências e suas tecnologias, com a finalidade de gerar novas verdades que se manifestem por si mesmas.

Em atenção a esses dispositivos, e inspirado por diferentes abordagens dos estudos sociais da ciência e da tecnologia (Haraway, 2018; Latour, 2000; Mol, 2002; Rose, 2013; Stengers, 2002), realizei mais precisamente o que caracterizei como uma “cartografia das paisagens biotecnológicas” (Oliveira, 2023). Em outros termos, busco dar con-

ta tanto das continuidades quanto das mudanças que têm forjado o desenvolvimento das intervenções e biotecnologias curativas para HIV em diferentes escalas, percorrendo por entre instituições, experiências, projetos políticos e práticas científicas. Embora essa cartografia atente para as contingências do presente, o seu objetivo se encontra justamente no reconhecimento das aberturas e instabilidades dos futuros pensados e praticados, tendo como horizonte a gestão da vida, dos corpos e das subjetividades.

A pesquisa cartográfica está inserida entre as abordagens que reconhecem a importância do interesse da ciência no que está sendo investigado, ao mesmo tempo em que valorizam o interesse intrínseco do objeto em si. Essa dimensão interativa e participativa, presente na experiência de “inter-esse”, é reavaliada, conferindo ao trabalho de pesquisa um sentido de cuidado. Assim, aquele que pesquisa “sai da posição de quem – em um ponto de vista de terceira pessoa – julga a realidade do fenômeno estudado, para aquela posição – ou atitude (o *ethos* da pesquisa) – de quem se interessa e cuida” (Kastrup; Passos, 2013, p. 272).

Em resumo, no contexto da ciência tida como moderna, as etapas de pesquisa são bem demarcadas – coleta de dados, análise, discussão dos resultados e conclusão –, constituindo uma série sucessiva de etapas separadas. Já a pesquisa cartográfica é constituída por passos ou atravessamentos que se sucedem sem se separar. Assim como o próprio ato de caminhar, em que um passo sucede o outro em um movimento contínuo, cada momento da pesquisa carrega consigo o anterior e se estende aos momentos subsequentes (Barros; Kastrup, 2015).

Dessa forma, a processualidade pode ser encontrada em todos os momentos da pesquisa – na coleta, na análise, na discussão dos dados, na escrita dos textos, na produção de imagens, nas conclusões ou considerações finais etc. Seria mais coerente, portanto, falarmos em “produção” de materiais de pesquisa. Não se trata apenas de subs-

tituir palavras, mas sim de propor uma mudança conceitual que busca nomear, de forma mais clara e direta, práticas de pesquisa que se diferenciam das abordagens da ciência moderna cognitivista (Barros; Kastrup, 2015).

A partir dessa discussão, penso que cartografar seja como caminhar em um labirinto, conforme abordado por Tim Ingold (2015b). Ao percorrer o labirinto, a escolha não é o aspecto central. O que importa é a experiência do próprio caminho, que nem sempre é fácil de seguir. É necessário estar atento às pistas que indicam o caminho à frente, a fim de permanecer na trilha e não se desviar dela.

No labirinto, nunca se chega ao fim da linha. É possível tomar uma curva errada, mas não por escolha deliberada; trata-se mais de um momento de distração em que o caminho se divide. Perder-se, nesse contexto, não é o maior dos problemas. O objetivo no labirinto é continuar avançando. Essa ação deve levar em consideração a percepção, ou seja, manter-se atento ao local onde se pisa, aos sons que se ouvem e às sensações que se experimentam: “Em outras palavras, seguir o caminho é menos intencional do que *atencional*” (Ingold, 2015, p. 27, grifo do autor).

Isso não significa dizer que não há objetivos delimitados. É evidente que há uma mente em ação durante a atenta caminhada pelo labirinto. No entanto, essa mente é imanente ao próprio movimento, não sendo uma fonte externa que possa ser atribuída como causa desse movimento. Sendo assim, conforme Ingold (2015b, p. 31), “andar pelo labirinto é como caminhar sobre teias de aranha, onde o próprio chão é um véu. Como a aranha, nos seguramos nela”. E, dessa maneira, nos deixamos afetar pelos acenos do mundo, respondendo a estes e seguindo por onde outros já estiveram, avançando sem início nem fim, abrindo caminho no fluxo das coisas.

Através da exposição, a prática de pesquisa se transforma em uma experimentação, ou seja, uma “ex-dução” enquanto caminhamos pelo labirinto. É apenas por meio da experiência que nos tornamos capazes

de notar as pistas e responder aos caminhos da pesquisa. Caminhar, portanto, é um processo de devir. Priorizar o labirinto é também uma forma de resistência às forças de submissão e controle da ciência moderna. Apesar de toda a vulnerabilidade, a recompensa se apresenta na forma de conhecimento baseado na experiência (Ingold, 2015b).

Em suma, assim como o andarilho no labirinto, o cartógrafo segue pistas. Essas “pistas-guia” podem ser entendidas “como referências que concorrem para a manutenção de uma atitude de abertura ao que vai se produzindo e de calibragem do caminhar no próprio percurso da pesquisa – o *hódos-metá* da pesquisa” (Passos; Kastrup; Escóssia, 2015, p. 13, grifo dos autores). Foi através dessas pistas que se tornou possível mapear os dispositivos experimentais voltados para a cura do HIV, foco de atenção privilegiada na cartografia adotada na pesquisa de doutorado.

ARQUIVO-LABORATÓRIO

Para operacionalizar a pesquisa, adotei como estratégia metodológica a construção de um “arquivo-laboratório”. O desafio que se apresenta ao lidar com os arquivos é evitar a naturalização de seus silenciamentos e violências. Nesse sentido, o arquivo-laboratório reúne um esforço para repensar o papel do arquivo para além dos exercícios de poder (Foucault, 2008). Sendo assim, faço coro às iniciativas decoloniais, antirracistas e *queer* que buscam realizar projetos de “desarquivamento”.

Desarquivar é, acima de tudo, uma prática de resistência frente às políticas de silenciamento e apagamento de histórias. Trata-se de uma política atenta à construção de “arquivos ordinários”, que se perdem em pilhas de materiais descartados, sejam eles físicos ou digitais, anonimizados, “órfãos”, mas que possuem o potencial de revelar histórias surpreendentes (Bruno; Guarín Martinez, 2020). Desarquivar nos instiga a questionar tanto as origens dos materiais arquivísticos

quanto o nosso presente e futuro. É uma busca por criar outras possibilidades narrativas.

Considero importante destacar também que no atual circuito midiático e informatizado, há uma produção excessiva de memórias efêmeras, que se esvaem no ar em questão de segundos. Por um lado, somos impulsionados pelo desejo de preservar a memória, alimentado pelas tecnologias de registro e acumulação disponíveis. Por outro lado, também existe o desejo de destruir determinadas memórias, seja por motivos políticos, sociais ou individuais. Essa dinâmica contraditória entre a busca pela preservação e a vontade de apagar memórias é um reflexo das tensões e complexidades presentes na sociedade capitalista contemporânea.

Através do processo de desarquivamento, é possível explorar outras possibilidades de contato com as realidades, criando assim um “arquivo-laboratório”. Esse arquivo vai além de simplesmente inventariar histórias, pessoas ou objetos que supostamente repousam no tempo e no espaço. Ele é uma forma viva e em constante movimento, que transcende os limites temporais e percorre diferentes espaços. Funciona como um dispositivo que revela aberturas, unindo elementos dispersos, e promovendo relações, muitas vezes imprevisíveis. O laboratório é exatamente o lugar onde ocorre o agenciamento coletivo, impulsionado pela experimentação e pela invenção, e onde novas tecnologias estão sendo gestadas (Latour, 2000).

A curadoria de arquivos têm sido um procedimento metodológico frequente em minhas práticas, constituindo a minha bagagem científica. Durante o mestrado, realizei uma extensa busca, coleta e seleção de imagens sobre as obras de arte e as produções científicas relacionadas à vida e obra do artista brasileiro José Leonilson (Oliveira, 2019). Na pesquisa de doutorado, entretanto, os procedimentos adotados foram refinados, devido a questões de prazo e aperfeiçoamento técnico-conceitual. Por entre diferentes pistas, observei que o arquivo ganhou

densidade e contemplou de forma ainda mais estreita a atitude cartográfica (Oliveira, 2023).

Mobilizando os conceitos de Georges Didi-Huberman (2018), penso que o arquivo-laboratório permite operar a produção de conhecimento através de desmontagens para criar montagens com o potencial de revelar novos acontecimentos. Esse processo escapa às narrativas lineares, tornando visíveis as sobrevivências, os anacronismos e os encontros de temporalidades contraditórias que influenciam gestos, objetos, pessoas e acontecimentos. Nesse sentido, a principal vantagem da montagem como método analítico está em sua capacidade de introduzir uma dissonância radical nos padrões convencionais de pensamento, ao “cortar” aquilo que geralmente é unido e conectar aquilo que geralmente é separado.

Trabalhar com o arquivo-laboratório em um processo de desarquivamento implica em mobilizar a curiosidade para reunir elementos dispersos e, em seguida, ouvir atentamente o que eles têm a dizer. Nesse movimento, é necessário arriscar estabelecer novas relações a fim de abrir possibilidades para conexões inéditas. Assim, a pesquisa se constrói a partir de rastros, recortes, fragmentos e suas relações. O arquivo-laboratório se revela como um emaranhado de afetos, cujo propósito é trazer as histórias de volta à vida (Ingold, 2015a).

CURADORIA DOS MATERIAIS

A ideia e a prática do arquivo-laboratório permitem tanto localizar o esforço de construção de um agenciamento de materiais heteróclitos quanto sublinhar a existência de intervenções nesses materiais. Para a curadoria dos materiais que compõem este arquivo, realizei cinco movimentos metodológicos: coleta, triagem, análise, tradução e experimentação. Essas expressões, por sua vez, foram inspiradas pelas atividades comuns no contexto tecnobiocientífico. Procedimentos correspondentes foram adotados por Thompson (2013) em suas pesquisas no campo das tecnologias reprodutivas e células-tronco.

Os processos de coleta e triagem estão diretamente relacionados. Enquanto a coleta permite reunir uma ampla gama de materiais, a triagem desempenha o papel de seleção desses materiais com base em sua relevância para os propósitos da pesquisa. O movimento de coleta envolveu as ações de busca, levantamento, recolha e reunião de materiais bibliográficos e empíricos que, em uma primeira análise, demonstraram relevância para a pesquisa. Já a etapa de triagem abrangeu atividades de pré-análise, seleção e organização do material coletado.

Para localizar os materiais sobre os casos de cura ou remissão de longo prazo do HIV, realizei pesquisas em bancos de dados científicos consolidados (*Scopus*, *Web of Science* e *SciELO*), consultas livres na internet e mapeamento automatizado de termos-chave no *Google*. Nesse processo de buscas, utilizei os seguintes termos-chave: “*hiv AND cure*”, “*woman AND hiv AND cure*”, “*cura AND hiv*”. E, à medida que me aprofundava nas diferentes histórias, comecei a configurar alertas no *Google* para monitorar os nomes dos médicos e pacientes envolvidos nos transplantes experimentais de células-tronco voltados para a cura do HIV. Essa ferramenta gratuita possibilita o acompanhamento de novos conteúdos sobre temas específicos e o recebimento de notificações por e-mail. Os alertas facilitaram a inclusão de novos materiais e garantiram uma atualização contínua ao longo dos quatro anos de pesquisa.

O levantamento incorporou ao arquivo materiais em português, inglês, espanhol, alemão e holandês, que foram organizados em planilhas. Os principais critérios para a triagem dos materiais foram a correspondência com o tema, a originalidade (não ser apenas uma replicação) e a extensão do conteúdo (contendo entrevistas com pesquisadores e/ou pacientes, fotografias e vídeos). Como resultado, foram coletados 136 materiais relacionados a 5 casos de cura ou remissão de longo prazo do HIV. O banco de dados completo encontra-se disponível no Repositório de Dados de Pesquisa da Unicamp (REDU).²

A maioria dos materiais advém de fontes jornalísticas (58,8%), que incluem textos (n = 41; 30,1%) e entrevistas concedidas por médicos, cientistas e pacientes envolvidos nos casos (n = 39; 28,7%). Em seguida, há os informativos publicados por instituições médicas e científicas (n = 13; 9,6%) e os materiais apresentados e publicados em congressos científicos (n = 12; 8,8%). Os artigos científicos publicados pelos cientistas envolvidos com os casos somam 9 documentos (6,6%), assim como os relatos pessoais, cartas e comentários publicados (n = 9; 6,6%). Também foram localizadas redes sociais diretamente relacionadas aos casos (n = 6; 4,4%). Por fim, há 2 documentários, 2 memoriais e 2 relatórios de reunião científica (1,5% do total cada), e 1 livro publicado (0,7%).

Para a análise dos materiais, me apropriei da técnica de análise de conteúdo temática (Bardin, 1977) com o suporte do software *ATLAS.ti 9*. Em outras palavras, operei com um procedimento de desmontagem dos materiais para realizar novas montagens em categorias temáticas, visando a análise comparativa dos dados. Contudo, em vez de considerar a análise realizada no software como encerrada, a utilizei como produtora de pistas a seguir no labirinto do arquivo-laboratório. Dessa forma, a pesquisa se revelou aberta a experimentações que pudessem contribuir para o desenvolvimento de abordagens analíticas criativas. Nesse sentido, foi possível explorar caminhos não convencionais e buscar novas perspectivas, ampliando as possibilidades de leitura e compreensão dos dados.

Sobre o quarto movimento metodológico da pesquisa, considero importante ressaltar um movimento que permeou tanto o processo de composição quanto a análise dos materiais do arquivo-laboratório: a tradução. A noção de tradução (ou translação) tem sido acionada por alguns autores nos estudos sociais de ciência e tecnologia (cf., Callon, 2008; Latour, 2000) não apenas como uma mudança de vocabulário ou transposição de uma língua para outra, mas como um processo de devir. Esse processo diz respeito à criação de conexões entre diferentes agentes, buscando dar a ver uma leitura de mundo situada

e a modificando em alguma medida, de acordo com os diferentes graus de interesse.

Ao longo da pesquisa, pude me envolver em diferentes processos de tradução para cartografar a ciência médica experimental voltada para a cura do HIV “em ação” (Latour, 2000). Em primeiro lugar, foi preciso traduzir a própria gramática médica, a fim de reapresentar seu conteúdo em outros termos. Em segundo lugar, empreendi o trabalho de traduzir para o português (língua materna) os materiais de diferentes idiomas de forma completa ou de trechos considerados relevantes no processo de análise e escrita. Por fim, foi necessário traduzir as práticas e experiências vivenciadas por diferentes agentes, o que demandou esforço na criação de uma narrativa coesa que fosse capaz de unir elementos ao mesmo tempo singulares e dispersos.

UM CONVITE AO OLHAR MÉDICO

A experimentação desempenha um papel central no que entendemos como ciência moderna. É por meio dessa prática que as ficções do cientista são testadas, em busca da “verdade” por trás dos fenômenos. No entanto, esse modo de conceber a ciência tem um problema: presume-se que o sujeito e o objeto de pesquisa estão dissociados (Despret, 2011; Stengers, 2002). Essa separação, frequentemente idealizada, ignora as dinâmicas relacionais que permeiam o ato de conhecer. Além disso, desconsidera que o próprio processo de pesquisa pode transformar tanto o pesquisador quanto aquilo que/quem é pesquisado/participa da pesquisa.

A maneira como entendo a experimentação dissipa quaisquer distanciamentos entre sujeito e objeto, colocando ênfase no papel do pesquisador dentro do processo. Pois, como sublinhou Deleuze (1992), a experimentação é indissociável do pensamento, servindo como ponto de partida para a criação de algo novo. Aqui, então, reside a importância de permitir-se ser conduzido pelo coletivo de for-

ças que atravessam a prática científica, deixando-se afetar (Barros; Kastrup, 2015).

Nesse sentido, o quinto movimento metodológico realizado na pesquisa propõe questionar a concepção tradicional de ciência experimental. Esse movimento diz respeito ao conjunto de ações que colocam em relação o empírico e o conceitual, para que se alterem mutuamente. Assim, a experimentação incorpora a proposta de considerar metodologicamente a cartografia como uma abertura, em vez de um fechamento (Passos; Barros, 2015). Foi através desse processo que diferentes grafias da pesquisa ganharam corpo.

Ao atentar para a proposta de Ingold (2015a) acerca do desenvolvimento de uma “antropografia” e dar continuidade às experimentações realizadas durante o mestrado (Oliveira, 2019), na pesquisa de doutorado fiz uso de uma variedade de experimentações com os materiais da pesquisa (Oliveira, 2023). Nessa proposta, fazer, observar e descrever não constituem atividades dissociadas, mas relacionadas. Isso envolveu experimentar com as linhas, e para além da escrita, ariscando outros modos de expressão em diferentes grafias.

Com a intenção de oferecer um meio de acesso aos materiais que considero centrais e inspirado na aposta cartográfica da pesquisa, confeccionei um mapa visual (Figura 1). Esse mapa reúne um conjunto de experimentações em colagens digitais e títulos de acesso aos materiais da pesquisa. Ele não apenas apresenta imagens para serem observadas, mas também para serem exploradas, tocadas e abertas (Didi-Huberman, 2018). Assim, o mapa torna-se um convite à interação ativa, estimulando novos percursos interpretativos. Dessa forma, amplia-se a potência do material como ferramenta de criação e reflexão coletiva.

Para permitir um acesso direto ao mapa visual, incluí links em *QR Code* que possibilitam uma transição imediata para o material correspondente. Essa abordagem experimental oferece uma nova possibilidade de acessar diretamente os materiais selecionados, analisados ao longo da pesquisa, como artigos científicos, textos jornalísticos e entrevistas concedidas. Dessa maneira, o mapa não apenas organi-

za os dados, mas também propõe um percurso dinâmico e interativo, permitindo que o leitor/participante explore os conteúdos de forma não linear. Assim, apostei em outras formas de narrar, rompendo com a dicotomia tradicional entre imagem e texto (Ingold, 2015a).

Figura 1 – Versão impressão do mapa visual da tese de doutorado (Oliveira, 2023)



Fonte: Oliveira (2023).

Há alguns anos, tenho enfatizado a importância de o “produto final” de uma pesquisa refletir o seu processo (Oliveira, 2019). Partindo dessa perspectiva, desenvolvi um objeto que dialoga com os conceitos de “desarquivamento” e “olhar médico” explorados na tese (Figura

2), no qual o mapa visual está inserido. Esse processo foi conduzido de forma manual, rompendo com a tradicional separação entre ciências e artes. Por meio dessa abordagem, estabeleci um ateliê de experimentações que tinha como objetivo “criar movimentações para contagiar e liberar o tempo e a vida” (Dias; Rodrigues, 2012, p. 58), promovendo conexões sensoriais e intelectuais no curso da pesquisa.

Esse processo envolveu o intenso estudo de diversos materiais para expressar e explorar os afetos, estendendo um “convite ao olhar médico” através de novos artefatos de pesquisa. Tal abordagem encontra inspiração nos argumentos de Michel Foucault (1977), para quem o olhar médico e o interesse pelos arquivos são elementos fundamentais da medicina experimental que conhecemos hoje.

Assim, a tese-dispositivo fruto da pesquisa de doutorado se apropriou da lógica da dissecação anatômica que fragmenta o corpo em partes isoladas, promovendo uma nova forma de organização das partes-capítulos e seus conteúdos. É importante ressaltar que essa abordagem é uma contrarresposta ao exercício do biopoder, propondo, em vez do aprisionamento dos corpos e afetos, uma abertura às possibilidades. Para isso, a tese se valeu de uma variedade de ferramentas e técnicas que permitem um exame minucioso de sua matéria. Enquanto tecnologia de multiplicidades, se apresenta como um dispositivo de abertura, ou uma “dobra” (Deleuze, 1991), que convida a participar ativamente do processo de construção do conhecimento.

Em outros termos, a tese se configura como um objeto composto em três camadas. A primeira camada consiste em uma caixa de acrílico, projetada para revelar a transparência do vidro presente nas práticas tecnobiocientíficas em laboratórios e hospitais. A segunda camada é uma caixa de papel cartão branco, com um recorte circular no centro que permite visualizar o título da tese, remetendo à ideia de acessar o material como se estivesse sob um microscópio. A terceira camada da tese é uma pasta sanfonada feita de papel kraft, de cor marrom cla-

ro, inspirada nos arquivos médicos. No interior da pasta, é possível encontrar compartimentos nos quais o mapa e os capítulos que compõem a tese podem ser “desarquivados”. A estética dos capítulos, por sua vez, foi inspirada nos prontuários médicos, com papel vegetal e sulfite unidos por um grampo metalizado.

Esta proposta se junta a outros trabalhos acadêmicos experimentais que têm ganhado força nos últimos anos. Dentre esses, o formato que mais tem se popularizado, talvez, seja o livro-objeto. Desde os anos 1960, o livro-objeto deriva do conceito de livro de artista, que, por meio de diferentes materiais e formas de expressão, se abre para experimentações, apresentando a poética do artista em uma obra geralmente única. Como um produto artesanal da arte contemporânea, o livro-objeto é construído a partir do modelo tradicional de livro, às vezes reverenciando o formato convencional, às vezes explorando intervenções e possibilidades de ruptura (Paiva, 2010).

Ao ser explorado, o livro-objeto é capaz de despertar um conjunto de sensações, incluindo o estranhamento e a admiração. Ele realiza uma verdadeira transfiguração da experiência de leitura, materializando o sensório, a expressão plástica e a originalidade conceitual, por meio de intervenções poéticas, jogos gráficos e elementos visuais (Paiva, 2010). Dessa maneira, na interseção entre ciência e arte, o livro-objeto desafia a noção totalizadora dos trabalhos acadêmicos, abrindo caminhos para uma articulação plástica entre conceitos e afetos. Além disso, proporciona uma experiência única entre o objeto em si e aqueles que se envolvem com suas grafias (Oliveira, 2019).

Figura 2 – Fotografias da composição da tese de doutorado com link em QR Code para acesso a um vídeo de manipulação do objeto



Fonte: Oliveira (2023).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tese-dispositivo apresentada neste capítulo buscou lidar com a multiplicidade de materiais relacionados aos primeiros casos de cura ou remissão de longo prazo do HIV, reconhecendo as suas limitações. Para tanto, foi necessário desenvolver um procedimento metodológico que permitisse acessar e evidenciar narrativas, experiências e práticas. Talvez o método utilizado não seja considerado “convencional” e possa instigar a curiosidade. A grande motivação deste processo para além da escrita consistiu na tentativa de dar vazão à criação como uma fonte de riscos e acertos.

O modo como penso na potencialidade da cartografia como método de pesquisa-intervenção (Passos; Barros, 2015) e uma ecologia de conexões parciais (Stengers, 2018) vai ao encontro do que Haraway (2016) denomina de “pensamento tentacular”. Essa ética de pesquisa não envolve apenas compor a paisagem, mas reconhecer que aquilo que se toca está envolto de escolhas, limitações e responsabilidades. Esse modo de pensamento estabelece conexões e cria relações. “Nada está conectado a tudo; tudo está conectado a alguma coisa”, defende a autora (Haraway, 2016, p. 31, tradução nossa). Assim como o mapa é limitado em sua composição, os tentáculos tocam um número limitado de coisas, denotando conexões parciais.

Haraway (2016) lembra que a palavra tentáculo tem origem no latim *tentaculum*, que significa “apalpador”, e *tentare*, que significa “sentir” e “tentar”. A tentacularidade faz conexões e separações, cortes e nós, faz a diferença. Ela tece caminhos e consequências, mas não determinismos; ambos estão abertos e com nós de algumas maneiras e não de outras: “O tentacular também é rede, suas criaturas, dentro e fora das nuvens. Tentacularidade é sobre a vida vivida ao longo das linhas – e tal riqueza de linhas – não em pontos, nem em esferas” (Haraway, 2016, p. 32, tradução nossa). Nesse aspecto, Haraway (2016) recupera uma passagem de Ingold (2007, p. 116-119, tradução

nossa): “‘Os habitantes do mundo, criaturas de todo tipo, humanas e não humanas, são viajantes’; gerações são como ‘uma série de trilhos entrelaçados’”.

Este é um processo de engajamento e uma prática coletiva orientados para uma política de vida mais democrática (Haraway, 1995; Jasanoff, 2005; Preciado, 2008; Stengers, 2018). Na tese de doutorado, incluí tanto os participantes das pesquisas experimentais para a cura do HIV quanto o meu lugar de pesquisador ao narrar as histórias. Afinal, são as testemunhas que provocam mudanças significativas em categorias aparentemente imutáveis, como aquela de “homem” como “substrato biológico” (Pereira, 2022, p. 3).

Para o formato e a composição deste capítulo, procurei descrever a criação de um dispositivo que refletisse o próprio processo de construção da pesquisa, apostando na dissolução das fronteiras entre ciência e arte, objetividade e subjetividade, interior e exterior. Nesse exercício de cartografar as paisagens biotecnológicas, desenvolvi um objeto de acesso ao conhecimento que não apenas apresenta informações, mas convida à exploração ativa do “olhar médico” e de seus “arquivos”. Essa proposta busca hibridizar tecnologias manuais e digitais, articulando diferentes dimensões do saber em uma aposta criativa e interativa.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? In: AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo?** e outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009. p. 25-51.

ALLERS, Kristina; HÜTTER, Gero; HOFMANN, Jörg; LODDENKEMPER, Christoph; RIEGER, Kathrin; THIEL, Eckhard; SCHNEIDER, Thomas. Evidence for the cure of HIV infection by CCR5Δ32/Δ32 stem cell transplantation. **Blood**, v. 117, n. 10, p. 2791-2799, 2011. DOI: 10.1182/blood-2010-09-309591.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 52-75.

BROWN, Timothy Ray. I Am the Berlin Patient: A Personal Reflection. **AIDS Research and Human Retroviruses**, Las Vegas, Nevada, v. 31, n. 1, p. 2-3, 2015. DOI: 10.1089/aid.2014.0224.

BRUNO, Fabiana; GUARÍN MARTINEZ, Óscar. Apresentação do Dossiê “Antropologia das imagens: “supervivência” dos arquivos e imaginação dos tempos. **ILUMINURAS**, Porto Alegre, v. 21, n. 53, p. 5-16, 2020. DOI: 10.22456/1984-1191.106358.

CALLON, Michel. Entrevista com Michel Callon: dos estudos de laboratório aos estudos de coletivos heterogêneos, passando pelos gerenciamentos econômicos. **Sociologias**, v. 9, n. 19, p. 302-321, 2008. DOI: 10.1590/s1517-45222008000100013.

DEEKS, Steven G. *et al.* Research priorities for an HIV cure: International AIDS Society Global Scientific Strategy 2021. **Nature Medicine**, v. 27, n. 12, p. 2085-2098, 2021. DOI: 10.1038/s41591-021-01590-5. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/s41591-021-01590-5>. Acesso em: 24 mar. 2023.

DELEUZE, Gilles. **A dobra: Leibniz e o barroco**. Campinas: Papirus, 1991.

DELEUZE, Gilles. **Conversações, 1972-1990**. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo? [1990]. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. **Escola Nômade**, 24 fev. 2016. Disponível em: <https://www.escolanomade.org/2016/02/24/deleuze-o-que-e-um-dispositivo/>. Acesso em: 24 mar. 2023.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011. v. 1, p. 17-49.

DESPRET, Vinciane. Os dispositivos experimentais. **Fractal: Revista de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 43-58, 2011. DOI: 10.1590/S1984-02922011000100004.

DIAS, Susana Oliveira; RODRIGUES, Carolina Cantarino. Apresentação de Dossiê: Transes. E se artes e ciências? E se ... e ...? **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, SP, n. 59, p. 57-61, 2012.

DICKTER, Jana *et al.* The “City of Hope” Patient: prolonged HIV-1 remission without antiretrovirals (ART) after allogeneic hematopoietic stem cell transplantation (aHCT) of CCR5-Δ32/Δ32 donor cells for acute myelogenous leukemia (AML). *In*: 24TH INTERNATIONAL AIDS CONFERENCE 2022, Montreal, Canadá. **Anais [...]**. Montreal, Canadá p. abstract 12508, 2022. Disponível em: <https://programme.aids2022.org/Abstract/Abstract/?abstractid=12508>. Acesso em: 22 ago. 2022.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Atlas, ou, O gaio saber inquieto**: o olho da história III. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

DYBUL, Mark *et al.* The case for an HIV cure and how to get there. **The Lancet HIV**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. e51-e58, 2021. DOI: 10.1016/S2352-3018(20)30232-0.

FISCHER, Michael M. J. **Emergent Forms of Life and the Anthropological Voice**. Durham/London: Duke University Press, 2003. DOI: 10.2307/j.ctv125j-j6d.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FRANKLIN, Sarah. Stem Cells R Us: Emergent Life Forms and the Global Biological. *In*: ONG, Aihwa; COLLIER, Stephen J. (org.). **Global Assemblages: Technology, Politics, and Ethics as Anthropological Problems**. New York/London: Blackwell, 2005. p. 59-78. DOI: 10.1002/9780470696569.ch4.

GUPTA, Ravindra K. *et al.* Evidence for HIV-1 cure after CCR5Δ32/Δ32 allogeneic haemopoietic stem-cell transplantation 30 months post analytical treatment interruption: a case report. **The Lancet HIV**, v. 7, n. 5, p. e340-e347, 2020. DOI: 10.1016/S2352-3018(20)30069-2.

HARAWAY, Donna. The Biopolitics of Postmodern Bodies: Constitutions of Self in Immune System Discourse. *In*: HARAWAY, Donna. **Simians, Cyborgs**

and Women: The Reinvention of Nature. New York: Routledge, 1991. p. 203-230.

HARAWAY, Donna. **Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene.** Durham/London: Duke University Press, 2016. DOI: 10.1215/9780822373780.

HARAWAY, Donna. **Modest_Witness@Second_Millennium. Female-Man@_Meets_OncoMouseTM: Feminism and Technoscience.** 2. ed. New York: Routledge, 2018. DOI: 10.4324/9780203731093.

HIGHLEYMAN, Liz. Coming Out as Cured. **POZ**, 17 mai. 2023. Disponível em: <https://www.poz.com/article/coming-cured>. Acesso em: 18 maio. 2023.

HSU, Jingmei *et al.* HIV-1 remission and possible cure in a woman after haplo-cord blood transplant. **Cell**, [S. l.], v. 186, n. 6, p. 1115-1126.e8, 2023. DOI: 10.1016/j.cell.2023.02.030. Disponível em: [https://www.cell.com/cell/full-text/S0092-8674\(23\)00173-3#](https://www.cell.com/cell/full-text/S0092-8674(23)00173-3#). Acesso em: 24 mar. 2023.

INGOLD, Tim. **Lines: a brief history.** London: Routledge, 2007.

INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição.** Petrópolis: Vozes, 2015a.

INGOLD, Tim. O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 21, n. 44, p. 21-36, 2015b. DOI: 10.1590/S0104-71832015000200002.

JASANOFF, Sheila. **Designs on nature: science and democracy in Europe and United States.** Princeton; Oxford: Princeton University Press, 2005.

JENSEN, Björn-Erik Ole *et al.* In-depth virological and immunological characterization of HIV-1 cure after CCR5Δ32/Δ32 allogeneic hematopoietic stem cell transplantation. **Nature Medicine**, v. 29, n. 3, p. 583-587, 2023. DOI: 10.1038/s41591-023-02213-x.

JOHNSON, Mark. After decades under a virus's shadow, he now lives free of HIV. **The Washington Post**, 3 abr. 2023. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/science/2023/04/03/hiv-remission-blood-stem-cell-transplant/>. Acesso em: 21 abr. 2023.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 25, n. 2, p. 263-280, 2013. DOI: 10.1590/S1984-02922013000200004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>.

php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922013000200004&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 21 abr. 2023.

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação**: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

MANDAVILLI, Apoorva. The “London Patient”, Cured of H.I.V., Reveals His Identity. **The New York Times**, 9 mar. 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/03/09/health/hiv-aids-london-patient-castillejo.html>. Acesso em: 21 out. 2020.

MOL, Annemarie. **The body multiple**: ontology in medical practice. Durham and London: Duke University Press, 2002.

OLIVEIRA, Kris Herik De. **De encontros, verdades e afetos**: cartografias da sexualidade. 2019. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas) – Faculdade de Ciências Aplicadas, Universidade Estadual de Campinas, Limeira, 2019. DOI: <https://doi.org/10.47749/T/UNI-CAMP.2019.1089844>. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/1089844>. Acesso em: 26 out. 2020.

OLIVEIRA, Kris Herik De. **“Transplantando esperança”**: tecnobiopolítica em terapias experimentais com células-tronco para a cura do HIV. 2023. 490 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Campinas, 2023. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/13887>. Acesso em: 14 mai. 2025.

PAIVA, Ana Paula Mathias de. **A aventura do livro experimental**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 17-31.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. Apresentação. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 207.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Corpo, saúde e materialidades. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 1-6, 2022. DOI: 10.1590/s0104-12902022220465pt.

ROSE, Nikolas. **A política da própria vida**: biomedicina, poder e subjetividade no século XXI. São Paulo: Paulus, 2013.

STENGERS, Isabelle. **A invenção das ciências modernas**. São Paulo: Editora 34, 2002.

STENGERS, Isabelle. 'Another Science is Possible!' A Plea for Slow Science. *In*: STENGERS, Isabelle. **Another Science is Possible**: A Manifesto for Slow Science. Cambridge/UK & Medford/USA: Polity Press, 2018. p. 106-132.

THOMPSON, Charis. **Good Science**: The Ethical Choreography of Stem Cell Research. Cambridge, MA/London: MIT Press, 2013. DOI: 10.7551/mitpress/8822.001.0001.

UNAIDS, Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids. **Fact sheet-Latest global and regional statistics on the status of the AIDS epidemic**. UNAIDS, 2023. Disponível em: https://www.unaids.org/en/resources/documents/2023/UNAIDS_FactSheet. Acesso em: 12 fev. 2024.